

A Web na Formação do Jornalista ¹

Margarete Ludwing²
Ronie Lobato³

Universidad Tecnológica Nacional – UTN, Buenos Aires - Argentina
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília – Brasil

Resumo - Tendo em vista as mudanças tecnológicas que ocorreram no campo da informática e repercutiram diretamente em outros campos, como o da educação, pretende-se estudar a influencia da *web* na formação do jornalista. Esta tecnologia ocasionou transformações que repercutiram no dia-a-dia das pessoas tanto no âmbito profissional como pessoal. Conseqüentemente, a internet passou a fazer parte dos cotidianos das salas de aula como instrumento de pesquisa no universo acadêmico. Essa ferramenta tem conquistado cada vez mais adeptos provocando mudanças no processo de ensino e aprendizagem e exige uma nova postura educacional e profissional perante essa nova realidade.

Palavras-chave: Jornalismo; Formação; Internet; Educação; Web.

1. As transformações da educação no contexto inovador da comunicação

As transformações na sociedade, com o advento da tecnologia, modificaram todos os processos institucionais, inclusive a educação. A sociedade na qual se vive é fruto de um longo processo histórico que é constantemente influenciado pelas mudanças de paradigmas da ciência, o que torna a evolução da humanidade contínua e dinâmica. Altera-se assim os valores, as crenças, os conceitos e as ideias acerca da realidade impactando diretamente os processos de aprendizagem direcionando o docente e o discente para uma nova postura e um novo saber. A educação que até então possuía a prerrogativa de ter uma visão integrada dos saberes a fim de relacionar entre os atores envolvidos os fatos e os conhecimentos,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda na Universidad Tecnológica Nacional – UTN, e-mail: margarete.ludwing@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do UNICEUB, e-mail: ronielobato@gmail.com

agora passa por um novo desafio, o de aprimorar a formação de milhares de discentes devido ao surgimento das inovações tecnológicas.

Considerada como a base para o desenvolvimento das comunidades, a educação, desde nossos antepassados é a mentora do crescimento intelectual do ser humano, desta forma consegue evoluir e aprimorar seus feitos com precisão e inteligência. Mas do que consiste a educação? Como se dá a influência das novas tecnologias na formação de um indivíduo? De acordo Burbules (2001) é preciso considerar a relação das novas tecnologias da informação com o âmbito da educação, que não estão livres de riscos e de ideologia, pois já foram selecionadas, filtradas e interpretadas. Ele ainda acrescenta que é nesse processo que deve aparecer o docente, com domínio dessa relação para orientar o seu aluno na pesquisa, em busca do conhecimento produtivo.

Na visão de Rousseau (1990), três são os agentes de educação do sujeito humano: a natureza, os homens e as coisas. O primeiro responde pelo desenvolvimento interno dos órgãos e das nossas faculdades; o segundo, pelo que se ensina a fazer desse desenvolvimento; o terceiro, pela aquisição de experiência sobre os objetos. Para Demo (1996), a educação não é somente uma ação de treinar o estudante a exercer uma atividade, mas o autor defende a ideia de que o educando vai construindo a sua autonomia intelectual por meio da pesquisa, passando assim a formar os seus próprios conceitos e opiniões, na qual ele possa ser ativo. Sodré (2012) complementa, que para a autonomia individual ocorrer é preciso primeiramente inscrever o ser humano num ordenamento social e depois criar as condições cognitivas e afetivas para sua autonomia individual como adulto. Freire (1996) também considera que a educação não deve ser uma mera transmissão de conhecimento, mas remete a capacidade do educando desenvolver a construção da sua própria autonomia intelectual baseado nas experiências que ele traz de seu cotidiano.

As condições ou reflexões até agora feitas vêm sendo desdobramento de um primeiro saber inicialmente apontado como necessário a formação docente, numa perspectiva progressista. Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (FREIRE, 1996, pg. 47).

Pode dizer que com as novas tecnologias, o ambiente educacional tem uma dupla função: por um lado integrá-las, numa vertente pedagógica, contribuindo para a sua democratização, uma vez que oferecem potencialidades imprescindíveis à educação e

formação, e, por outro lado, desenvolver uma reflexão sobre as suas vantagens e os seus limites, numa tentativa de desmistificar a imagem que têm delas.

A mutação tecnológica é principalmente um pretexto histórico para se repensar essa rigidez e as formas de dominação que sempre acompanharam a escrita. Por isso, é culturalmente insuficiente a pura e simples “inclusão digital” dos sujeitos presumidamente excluídos se um processo desta ordem apenas repete, no domínio da eletrônica, a manipulação das classes populares operada por um tipo de alfabetização que entende como avanço educacional a mera inserção do aprendiz no universo da letra, como se esta representasse um fim em si mesma. Considerado em termos estritamente técnicos, o digitalismo eletrônico não constitui um ambiente educacional extraescolar. (SODRÉ, 2012, pg. 200 e 201).

O que acontece, porém, quando as informações são ilimitadamente abundantes, e o saber apresenta-se como móvel e veloz por efeito da informação tecnologicamente acelerada? O que acontece quando se opera em sistemas movidos a informação junto com a mecanização da memória social e com automonitoramento dos agentes produtivos?

Segundo Packer e Jordan, são cinco os processos: integração, entendida como hibridização de tecnologias e formas artísticas; interatividade, como possibilidade de manipulação direta do processo midiático pelo usuário; hipermídia, ou entrecruzamento em bases pessoais de elementos separados da mídia; narratividade, como conjunto das estratégias estéticas e formais que se resolvem em textos não lineares na hipermídia; imersão, que é o envolvimento dos sentidos na simulação de um ambiente tridimensional”. (SODRÉ, 2012, pg. 190).

Marshall McLuhan (2005) considerou, a propósito da informação eletrônica, que cabe ao “ambiente”, e não à tecnologia, a responsabilidade pela mudança humana. O que está verdadeiramente em questão é a existência de um novo bios. De qualquer modo, a conhecida fórmula mcluhaniana – “o meio é a mensagem” – é uma formulação embora incipiente, do bios virtual, por indicar que a forma tecnológica equivale ao conteúdo provenientes de uma matriz de significações (uma ideologia) externa ao sistema, já que a própria forma é essa matriz.

O bios virtual é a prótese, não apenas uma maquinaria comunicacional que permite ao cidadão inteirar-se das coisas do mundo, e sim uma atmosfera” magnética (um ethos feito de hábitos e afetos) onde, por um lado, “respira-se” o consumo programado pela socialização latente do mercado e da ordem tecnológica; por outro, “habita-se” um mundo de imponderabilidade, ubiquidade e

interatividade. Uma formulação muito simples da geração pertencente a esse novo bios é dada pelo personagem de um filme (The Social Network) sobre a criação de uma famosa rede de relacionamento (o Facebook). “Vivíamos no campo, fomos viver na cidade e agora vamos viver na internet). (SODRÉ, 2012, pg. 188).

Neste sentido a educação é a base de todo o processo de desenvolvimento, ela é o alicerce para tudo e para todos, é um caminho racional para indicar ao homem a saída do labirinto, que é a ignorância, que possibilita sua plena realização. O novo contexto educacional, que foi severamente impactado com o advento da *web*, dentre outras inovações, portanto, procura centrar suas preocupações sobre o educando, examinando e investigando as maneiras pelas quais se dá o processo de ensino e aprendizagem. O indivíduo com suas peculiaridades e seu ritmo próprio de desenvolvimento é o ponto de referência para toda ação educativa. Portanto, compreender a influência da *web* na formação do jornalista é um grande desafio do século, a fim de fazer avançar ainda mais a qualidade dos cursos de comunicação social e ampliar os estudos na área.

2 - Internet: a ferramenta comunicacional que revolucionou os processos

O surgimento da internet, se deu, a partir de um objetivo militar. Nos EUA, a Agência de Projetos Avançados de Pesquisa em Defesa (*DARPA*), protagonizou os projetos pioneiros do grande advento tecnológico do mundo. A rede mundial de computadores. De acordo com Derner (2000, p.16), foi a partir de 1957, com o lançamento do satélite espacial *Sputinik*, da União Soviética, que os Estados Unidos passou a investir em projetos que desenvolvessem uma forma de comunicação entre os centros militares e que pudessem eventualmente sobreviver a um ataque nuclear. Em 1964 o conceito de rede surgiu, com a intenção de um sistema de comunicação descentralizado, capaz de permitir que "várias máquinas, em pontos distantes entre si, pudessem gerar, transmitir e receber mensagens" (DERNER, 2000, p.16). Segundo Castells, a primeira rede de computadores, a *ARPANET*, teve início em 1969, aberta aos centros de pesquisa para apoio ao Departamento de Defesa dos EUA. Nas suas palavras:

[...] entrou em funcionamento em 1 de setembro de 1969, com seus quatro primeiros nós na Universidade da Califórnia em Los Angeles, no Stanford Research Institute, na Universidade da

Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah (CASTELLS, 2002, pg.83).

Os cientistas criaram ainda, uma rede de mensagens pessoais, independente das pesquisas voltadas para fins militares, no entanto chegou um momento em que houve a necessidade de separar o uso dessas redes. Com a divisão, a *ARPANET* destinou-se a assuntos acadêmicos e conversas pessoais e a *MILNET* exclusivamente a assuntos militares. Em meados da década de 1980, uma instituição chamada *National Science Foundation* uniu, a partir de uma rede de fibra ótica de alta velocidade, vários centros de supercomputadores localizados em diversos pontos nos Estados Unidos formando uma grande rede, denominada *CSNET*. De acordo com Castells (2002), essa mesma fundação, em colaboração com a *IBM*, criou, ainda, uma outra rede para acadêmicos não-científicos, a *BITNET*. Nas palavras do autor:

[...] todas as redes usavam a ARPANET como espinha dorsal do sistema de comunicação. A rede das redes que se formou durante a década de 1980 chamava-se ARPA-INTERNET, depois passou a chamar-se INTERNET, ainda sustentada pelo Departamento de Defesa e operada pela National Science Foundation (CASTELLS, 2002, pg.83).

Em 1990, houve uma divisão entre os organismos militares e as universidades. Os militares ficam com a *MILNET* e a *NSFnet* ficou para os pesquisadores e expandiu-se passando a englobar também as empresas o que proporcionou a globalização deste fenômeno. O público em geral aumentou consideravelmente com o surgimento a *World Wide Web* (www). Uma interface única para a rede em forma de hipermídia, onde cada usuário padroniza a navegação entre diferentes endereços interligados por palavras-chave, chamadas *links*. Essa navegação permite o acesso indeterminado a combinações entre os muitos endereços eletrônicos disponíveis nas mais distintas redes do mundo.

Segundo Takahashi, no Brasil, a Internet "teve grande impulso primeiramente na comunidade científica e, logo após, aberta à serviços de natureza comercial em 1995". Com a diversificação do público, a *Web* também começou a ampliar suas atividades, e tornou-se uma grande ferramenta que possibilita o lazer, as compras e a pesquisa, dentre outros tipos de serviços, que interligam imagens, textos, vídeos e música. Para Castells (2003), a internet surge como uma veiculação de comunicação que tem linguagem própria, a qual atinge todas às culturas.

Ela constrói a comunicação na prática social e é usada de diversas formas: divulgação de mensagens políticas, comunicação por e-mail, transmissão de idéias e busca de informações. Sua comunicação tem como característica a livre expressão em todas as formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoa. Pela internet, a transmissão descentralizada, a interação fortuita, a comunicação propositada e a criação compartilhada encontram sua expressão (CASTELLS, 2003, pg. 70).

No entanto no início do século XXI, nem todos estão inclusos nesta grande fonte digital do saber. No Brasil, por exemplo, o maior país da América Latina 49,9% da população brasileira não está incluída no mundo digital, segundo pesquisa da Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de setembro de 2014. Atualmente 87 milhões de pessoas possuem acesso à rede no Brasil. No último ranking global de inclusão digital, o Brasil estava no 72º lugar, entre 156 países pesquisados. Os dez que têm população com mais acesso ao celular, ao telefone fixo, ao computador e à internet em casa são Suécia (95,8%), Islândia (95,5%), Singapura (95,5%), Nova Zelândia (93,5%), Holanda (92,5%), Irlanda (92,3%), Luxemburgo (92%), Taiwan (91,8%), Suíça (91,3%), e Austrália (91%).

Como ferramenta de comunicação, a internet pode ser considerada um fenômeno novo, que provoca mudanças em conceitos e cria novos paradigmas. Autores renomados da área da comunicação questionam em que tipo de comunicação, a rede se enquadra. Seria a internet um veículo de comunicação de massa? Para Moran (2000) massa é destinado a um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos além das estruturas internas da sociedade. Thompson (1995) salienta que a expressão massa provém das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação que são acessíveis a grande parte da população e por causa disso a sua audiência é grande. “As origens da comunicação de massa estão ligadas ao século XV com a invenção do tipógrafo. Pois, esse foi o primeiro veículo que foi utilizado para produzir múltiplas cópias de manuscrito e textos” (Thompson, 1995, p.23). Conforme Dizard (2000), a comunicação de massa tem como sua principal característica o sistema um para todos, já a internet, muitos para muitos.

Castells (1999) complementa, que com a possibilidade de assumir o controle da tecnologia, “usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa”, sendo este, um fato inédito, que transforma radicalmente o ambiente da comunicação de massa e dá à rede características de um espaço democrático por excelência, no qual minorias e majorias, grandes e pequenos podem compartilhar o mesmo espaço. Tranzendo para o universo

educacional, a internet, então, possui um papel importantíssimo na democratização da informação em prol do conhecimento e da aprendizagem. Teixeira (2002) nos apresenta a rede como um mecanismo peculiar e inovador. Em suas palavras:

Atualmente, a internet figura como um dos principais destaques das tecnologias da informação, por possibilitar a cada usuário, entre outras funções, selecionar, receber, tratar e enviar qualquer tipo de informação, através de ambientes propícios e extremamente favoráveis à circulação dessas em uma dimensão jamais vista (TEIXEIRA, 2002, pg. 63).

Moran (1998) também faz referências ao uso da Internet para fins educacionais e aponta as possibilidades "de divulgação, de pesquisa, de apoio ao ensino e de comunicação". Bom, a ideia que precisamos atuar na educação com ênfase no desenvolvimento de habilidades que possibilitem aos alunos desenvolver potencialidades é evidente e necessária e a Internet pode ser uma ferramenta de apoio a esta interação.

3 – A internet, o jornalista e o desafio da nova educação

O novo tempo tecnológico pressupõe a transição do modelo da sociedade da informação ou da tecnologia para o da sociedade da nanoinformação ou da nanotecnologia. Não se trata de cunhar novas palavras, nem tão pouco de exercitar a futurologia, mas é evidente a transição para o modelo social em que o processo de comunicação vivencie novas experiências e modelos inovadores de gestão de conhecimentos. Nesse sentido as questões seriam: qual o perfil do jornalista hoje? O que oferecer aos alunos, nos currículos e nas disciplinas? Como incorporar as tecnologias ao processo de ensino e aprendizagem? Onde encontrar professores capacitados para as novas áreas do jornalismo?

No portal do UOL, como em qualquer veículo do Grupo Folha de São Paulo, as qualidades do “jornalista de internet” apontadas pela empresa são: “Boa formação cultural, bom texto, domínio excelente do português escrito, e o domínio de uma outra língua, especialmente o inglês”. À formação, acrescentam-se dados específicos. Que o profissional não tenha preconceito, nem dificuldade com internet, nem com equipamentos e software novos. Que tenha curiosidade, disposição para aprender, enfrentar novas tecnologias e gadgets. Não pode ser estranho, a nenhuma tecnologia.

Porém conforme ressalta (Schiaretta, 2006), a essência da prática do jornalista não mudou. O bom jornalista continua sendo aquele capaz de apurar uma boa notícia, escrever

um bom texto e fazer um bom título. Aquele que dá informação rápida, objetiva, pluralista e independente. O papel do jornalista multimídia, portanto, se expande, se torna mais flexível e completo e exige novas habilidades. Para trabalhar na internet, ele precisa ousar e tentar novas formas de comunicar; conhecer as especificidades do meio, entender e aprender a usar as ferramentas; ser cada vez mais um contador de histórias.

Até alguns anos atrás, o mercado era o principal espaço de formação do jornalista. “Aprendia-se nas redações, nas oficinas, no botequim do outro lado da rua, nas noitadas de sexta-feira. O jornal todo era uma fábrica que formava e informava sem equívocos e gerava opinião num ambiente de participação [...]”, constatava Marquez (1997). Para Mackinnon (2008), em recorrente tensão entre a formação teórica e prática, entre um jornalista e um bom técnico, surgem problemas de estruturação do currículo e da busca e adaptação de uma bibliografia pertinente para o ensino do jornalismo. O grande desafio é formar profissionais que estejam preparados para enfrentar esse novo mercado de trabalho, que exige dinamismo e domínio técnico para desenvolver múltiplas funções, ou seja, um profissional multimídia.

Daí o papel do ensino superior de jornalismo, nesta preparação de pessoas, está diretamente relacionado à garantia do direito à informação de interesse público com qualidade e veracidade pois, na atualidade, o profissional multimídia do jornalismo, deve ter uma formação embasada, estar muito mais preparado do que no passado, buscar cada vez mais conteúdos, e por meio da convergência das mídias apresentada pela *web*, transmitir a informação com qualidade, ética e requinte. Ou seja, o profissional da comunicação atualmente deve saber atuar no áudio, televisão e mídias impressas, com capacidade intelectual suficiente para produzir em diversos formatos, inclusive para o virtual.

Vimos que o padrão de jornalismo tradicional norteado pelos veículos de comunicação, onde a imprensa detinha o poder de selecionar os temas a serem divulgados, mudou. Hoje, com os poderes conferidos pela *web* todos comunicam com todos, no qual o usuário com acesso a internet pode escrever, publicar, opinar e discutir sobre qualquer assunto. Mas, o uso da internet, e principalmente das redes sociais, ainda divide opiniões dos jornalistas, pois ao mesmo tempo em que confere agilidade, abre questionamentos em relação à credibilidade. É neste sentido que a formação do profissional do jornalismo no século XXI requer uma atenção à objetividade, ao dinamismo, a agilidade, e principalmente, à busca por conhecimentos específicos.

O surgimento da internet em seu modo gráfico (WWW) e a possibilidade da busca em URLs e arquivos por programas como Google, por exemplo, facilitaram muito o trabalho dos jornalistas de buscar mais informações. Mas existem as questões da impressão de dados, credibilidade das fontes e a enorme quantidade de informações – não solicitadas – que aparecem na tela do computador quando é realizada uma pesquisa em mecanismo de busca (LIMA JUNIOR, 2004, pg.6)

Fica cada vez mais evidente que o papel do jornalista – num contexto em que todos que além de consumidores também são produtores de informação – ultrapassa a divulgação da notícia. Cabe a ele confirmar o que foi publicado na internet a fim de legitimar ou não, Além de claro, ter uma boa formação cultural, um bom texto, domínio excelente do português escrito, e o domínio de outra língua, especialmente o inglês. Para trabalhar na internet, ele precisa ousar e tentar novas formas de comunicar; conhecer as especificidades do meio, entender e aprender a usar as ferramentas; ser cada vez mais um contador de histórias.

A internet provocou inúmeras mudanças no formato da comunicação social, no que diz respeito à linguagem. O jornalismo digital, cada vez mais multifacetado, se utiliza das várias linguagens para fundir representações e construir o mundo virtual da informação. Em função desta característica, a internet tem facilidade de penetração em diversos públicos. Estas mudanças impactaram, portanto, diretamente a relação dos indivíduos com as mídias e com as informações.

É interessante observar como a proximidade dos alunos às inovações tecnológicas nos apresentam quais serão os rumos que irão tomar os profissionais da comunicação do século XXI. O fato é que a televisão, o rádio e meios de comunicação impressos, felizmente, ainda são mecanismos de massa extremamente importantes na constituição do jornalismo, no entanto, a *web* a cada segundo, renova-se, inova-se, cresce, e se consagra como um dos espaços maiores espaços de interação e comunicação da contemporaneidade. Um mercado diverso e frutífero, que vem sendo especialmente transformado pela nova geração de comunicadores.

Neste sentido podemos dizer que a *web* surgiu como uma tecnologia que inaugura um novo ciclo civilizatório, tanto cultural, quanto político como econômico. Para Lévy (1996), o ciberespaço abriu caminhos para a ciber cultura, pela qual a produção e a disseminação de informações são pautadas pelo dispositivo comunicacional de milhares de emissores conectados à globalização humana.

Surgiram com a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e conhecimento (LÉVY, 1996, pg.10).

Mas qual a distinção entre conhecimento e informação? Bom, o futuro da mídia no mundo aponta para um só caminho: a globalização das informações e aprimoramento dos mecanismos da *web* e da educação para gerar mais conhecimento no contexto acadêmico.

4 - Informação X Conhecimento

O futuro da mídia é a *web*. O desafio dos novos profissionais, é entender como a ferramenta virtual, traz impacto ao formato jornalístico tradicional e como o público lida com a rede para buscar informações de interesse comum. A internet em sua primeiridade proporciona a informação. Para o aluno transformá-la em conhecimento, ele tem um longo caminho a percorrer. Este caminho é diretamente influenciado pelas metas, ambições, foco, propósito e sonhos dos discentes. Não há como deixar de considerar também, que a bagagem cultural de cada aluno, possui um papel determinante nesta transformação, ou seja, ela é uma linha de conexão que atua como auxiliadora ao triar a relação das novas informações com as já existentes em cada um.

Segundo estudos realizados por Luckesi (1996), adquirir conhecimentos não é compreender a realidade apenas a partir da informação, mas utilizar-se dela para descobrir o novo e avançar. Ou seja, quanto mais competente for o entendimento do mundo, mais satisfatória será a ação do sujeito que a detém. A internet, portanto, é uma complementação do conhecimento, um recurso que serve atualmente como apoio ao estudo acadêmico e possui um papel essencial na busca e na construção do saber. Ao que nos parece, a plataforma é importante no processo educativo oferecendo conhecimento, oriundo do processamento das informações qualificadas que a rede disponibiliza nos quatro cantos do mundo. Os estudos americanos de James Carey e John J. Quirk (1996) apontam isso. Vejamos:

Nos escritos sobre as novas tecnologias de comunicação, raras vezes a relação entre informação e comunicação é articulada de modo adequado, porque ela não é reconhecida como um problema. Informação e conhecimento são geralmente considerados como idênticos e sinônimos assume-se que a realidade consiste de dados ou bytes de informação, e que esta realidade é em princípio,

registrável e armazenável. Portanto, [assume-se que] é possível também em princípio, para um usuário [destas novas tecnologias] saber tudo ou pelo menos ter acesso a todo o conhecimento. [Mas...](...) o conhecimento no final das contas é paradigmático. Ele não surge na experiência em forma de dados. Não existe uma coisa chamada informação sobre o mundo fora dos sistemas conceituais que criam e definem o mundo no próprio de conhece-lo (CAREY J. and QUIRK J, 1996, pg.102).

Ou seja, somente uma educação fundada na coletividade da transformação é capaz de fazer o conhecimento emancipador. Internet significa informação disponível. Mas informação difere-se de conhecimento, elas facilitam no processo de cognição, mas, por si só não realizam efetivamente o saber.

5- O Papel do educador

O relacionamento da tecnologia eletrônica com o processo educacional tem um grande desafio: inovar a pedagogia tradicional. É preciso colocar em primeiro plano o pretexto histórico oferecido pela tecnologia para a reinvenção das formas pedagógicas. Isso implica em redefinir o docente em sua função de filtro do conhecimento e da informação, como também aprofundar o potencial técnico de hibridização das fontes informativas, por parte do mentor, no espaço das redes digitais e sociais.

Dentro desse escopo, também será tarefa do professor redefinir o uso de ferramentas sobre as quais a atividade pedagógica está assentada desde o século XVIII (do mesmo modo que a ciência e as leis), e das quais se têm como mais importantes a escrita e sua forma tipográfica massiva. Sodré (2012) lembra que em determinados contextos (Alemanha e Estados Unidos) a palavra “professor” é tradicionalmente investida de uma carga semântica com forte hierarquização, o que torna o título restrito a docentes que atingiram um alto nível de experiência acadêmica (universitária) ou de reconhecimento social. De um modo geral, porém, o “professor” é um termo aplicável a qualquer docente.

Em termos correntes no âmbito da comunicação eletrônica, o professor seria um “filtro confiável” ou um agente de busca humano diante do universo das redes e de quaisquer outros dispositivos de conhecimento. Nem mesmo as concepções neoliberais e tecnofílicas da educação deixam de colocar o professor no centro do processo formativo. A ele cabe liderar o trabalho de integração dos saberes no espaço curricular da escola, não com o objetivo de aperfeiçoar a transmissão de

conteúdos instrucionais, e sim de assistir atentamente a imersão do estudante no campo de exercício do pensamento. Isso requer uma formação docente sem desajustes entre o projeto pedagógico formativo e as formas expressivas acionadas pelo bios virtual, desde aquelas características da mídia tradicional (televisão, rádio, jornal, revista) até as novíssimas práticas desenvolvidas na rede eletrônica (SODRÉ, 2012, p. 204).

O sistema educacional ficou limitado a estrutura das quatro paredes da sala de aula durante décadas, sendo o professor, o protagonista. Para Sodré (2012) “nunca tivemos um sistema educacional programado para treinar a percepção”, a realidade é que sempre se educou por meio do apelo a uma modalidade do sensível (os sentimentos), muito mais do que qualquer retórica argumentativa. Podemos ter como referência a relação ensino e tecnologias da comunicação e da informação, como sugere Brünner (2003) em quatro cenários.

No primeiro, a tecnologia, enquanto instrumento de um professor que monopoliza o saber, não vai além do prolongamento do giz e do quadro negro. O segundo é da situação interativa na sala de aula, em que o estudante, construtivamente, controla sua aprendizagem por meio da tecnologia (computador e internet). No terceiro, entram em jogo as novas competências básicas” (as habilidades e destrezas preconizadas pelas organizações da chamada nova ordem educativa mundial), que envolvem desde a capacidade de resolver problemas e utilizar computadores até o trabalhar em equipe. O quarto cenário diz respeito ao que temos chamado de bios virtual e implica a aprendizagem extramuros escolar num ambiente de simulação e interação tecnológica. (BRUNNER, 2003 *apud* SODRÉ 2012, p.201).

Nesse sentido, Moraes (1997) fala em novos ambientes de aprendizagem que favoreçam a circulação de informações e a construção do conhecimento, numa evolução da consciência individual e coletiva. Segundo a autora, "É pela prática reflexiva da construção do conhecimento, do ciclo que envolve os processos da descrição-execução-reflexão-depuração, que poderemos alcançar níveis mais elevados de consciência e desenvolvimento humano" (MORAES, 1997, p.219).

Se precisamos de sujeitos com conhecimentos capazes de articular informações com tecnologia, ao mesmo tempo em que deverão aprimorar suas relações pessoais e a sua visão de mundo, considerando este como um sistema complexo e articulado, há também a necessidade de uma escola que atenda a essa demanda, que consiga trilhar essa busca para a

formação do homem. Segundo Sacristán (2001), podemos definir os fins e os objetivos que dão sentido à educação na fundamentação da democracia, no estímulo ao desenvolvimento da personalidade do sujeito, na difusão e o incremento do conhecimento e da cultura em geral, na inserção dos sujeitos no mundo e a custódia dos mais jovens.

implica preparar concretamente, os indivíduos para participar ativamente da vida produtiva, da economia, do mundo social, da vida política, do intercâmbio de significados realizados pelas relações sociais, para que, sejam pessoas que, compreendendo onde vivem, possam viver com dignidade (SACRISTÁN, 2001, p.29).

O ambiente proporciona a construção do conhecimento, a autonomia e a participação dos alunos no processo ensino-aprendizagem, bem como o acompanhamento do professor perante a participação de cada um dos seus alunos. O desafio agora, está em buscar uma prática pedagógica que seja capaz de superar a fragmentação dos conteúdos e a reprodução do conhecimento, e que valorize atividades que promovam a autonomia, a reflexão, o senso crítico, a criatividade, tornando o aluno ator e diretor de seus estudos, valorizando toda ação que estimule a busca do seu próprio conhecimento. O ideal neste tempo da *web* é habilitar os estudantes em suas capacidades de reconhecimento, para o mesmo posso compreender o momento e a realidade em que se vive, refletir e inferir sobre a mesma. Portanto, devemos possibilitar, capacitar e potencializar ao professor, a utilização e a capacitação sobre os meios de comunicação disponíveis para auxiliar no aprendizado, em especial o computador e a *web*, com o intuito de ampliar suas possibilidades didáticas em sala de aula. Entendemos que a internet pode servir como uma nova proposta de diálogo e integração a relação professores e estudantes de todas as áreas do conhecimento, e no caso do objeto de estudo deste artigo, na relação de professores e futuros jornalistas.

5- Considerações Finais

Contata-se que a internet, de fato, trás vários recursos para a construção do conhecimento e inovações à profissão do jornalista, mas devido à falta do controle da informação e a grande quantidade de conteúdos, nos provam com clareza, que no ambiente acadêmico, se faz necessário uma orientação especializada no tema estudado para proporcionar a qualidade da pesquisa, a fim de impedir a construção de conhecimento equivocado. O jornalista sempre foi aquele intelectual que com suas sábias palavras,

conseguiu ilustrar uma cena, trabalhar com o imaginário do seu público, trazendo ele para o contexto retratado. Sempre foi marcado por sua função social de informar a sociedade e formar opinião. Mesmo com todas as evoluções tecnológicas, o certo é de que o jornalista continua sendo um produtor de notícias onde ele está inserido, e o fato da agilidade das informações, infelizmente faz com que estes profissionais, principalmente os da *web*, estejam muitas vezes mais voltados para quantidade de informações deixando a desejar a qualidade.

A crítica aclamada é que o fazer artístico do contador de histórias, perdeu espaço para aquele profissional de mídias cada vez mais instantâneas e menos reflexivas. Ao mesmo tempo - nos termos operacionais e sistemáticos - o jornalista ganhou muitas novas funções, ao que nos parece ao fim dessa análise é de que o profissional tende a ficar mais restrito do que em épocas passadas de um jornalismo impresso reflexivo e de grandes reportagens. Diante da era da informação, em uma realidade consumista e capitalista, o jornalismo se consolida como a área do saber que propulsiona o sistema tanto virtual, quanto real, no que tange à notícia. Por isso, é obvio que o papel do professor é crucial diante nos campos universitários e na formação e condução do novo profissional. O que se torna evidente é que os meios de comunicação [assim como a *web*] promovem a descentralização na circulação dos saberes e a socialização a partir disso, colocando num mesmo espaço diversas culturas, padrões e visões de mundo. Assim no ambiente educacional, onde o professor está atento a essas transformações, a qualidade da formação cresce consideravelmente podendo gerar no futuro um novo modelo de sociedade, de jornalismo, de informação e de conhecimentos.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUNNER, J.J. . **Educación Y Internet: la próxima revolución?** Santiago: Fondo de Cultura Económica, 2003.

BURBULES, N. C. e CALLISTER, T. **A educación: riesgos y promesas de las nuevas tecnologías de la información.** ED Granica (2001).

CAREY, J. e QUIRK, J. “**A história do futuro**”. **Comunicação & política.** Rio de Janeiro: Cebela, v.III, n.1, jan./abr. 1996, p.103-123.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999;

- _____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003;
- DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. Campinas: Ed. Autores Associados, 1996.
- DERNER, D. **Um estudo sobre identidade na era da internet**. Dissertação Mestrado em Psicologia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2000.
- DIZARD, W. **A nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34ªed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo, 34: 1996.
- LUCKESI, C. C. e PASSOS, E. S. **Introdução à filosofia: aprendendo a pensar**. São Paulo: Cortez, 1996.
- LIMA JUNIOR, W. T. **Jornalismo inteligente (JI) na era do data mining**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2004, Salvador. Disponível em: <http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/ii_sbpjour_2004_cc_02_-_walter_lima_jr.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2015.
- MACKINNON, D. P. **Introduction to Statistical Mediation Analysis**. Mahwah, NJ: Erlbaum, 2008.
- MÁRQUEZ, GABRIEL GARCIA. **Notícia de Um Sequestro**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- McLUHAN, M. **McLuhan - Entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- MORAN, J. M. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias Audiovisuais e Telemáticas**. In: **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógicas**. Campinas, SP: Papirus, 2000. Coleção Papirus Educação.
- ROUSSEAU, J.J. **Emílio ou da educação**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1990.
- SCHIARETTA, T. **Qualidade editorial em um mercado multimídia**. In: **Seminário Internacional Imprensa Multimídia, as redações de terceira geração**. 2006, Brasília.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação - diversidade, descolonização e redes**. Rio de Janeiro, 2012.
- TEIXEIRA C. A. **Internet e democratização do conhecimento: repensando o processo de exclusão social**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2002.
- THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.